



Evento	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Utilizando conceitos na aula de História
Autor	ALANNA DE JESUS TEIXEIRA
Orientador	CARLA BEATRIZ MEINERZ

Este trabalho resulta de reflexões construídas ao longo das disciplinas de Estágio, especialmente durante o Estágio de Docência em História II no Ensino Médio, realizado no primeiro semestre de 2013. A abordagem privilegiada durante as experiências de docência foi o estudo e ensino da História através da construção de conceitos. Percebo o uso de conceitos como uma das mais valiosas contribuições dos estudos históricos, pois, uma vez bem construídos pelos alunos, se tornam ferramentas para pensar a sua realidade, para além da escola. Ou seja, “as categorias ou conceitos possibilitam, entre outros, a identificação dos objetos e fenômenos da realidade social, bem como a capacidade de dar-lhes sentido e reconhecê-los a partir de sua confrontação com o já conhecido” (SCHMIDT, 1999, p. 150). A opção por ensinar através dos conceitos históricos em sala de aula também reflete uma posição teórica e metodológica. E antes disso, uma leitura sobre o que são conceitos e qual a sua importância no ensino. Conceitos históricos podem ser entendidos como abstrações que, expressos por palavras, representam realidades históricas, reunindo em si “a diversidade da experiência histórica assim como a soma das características objetivas teóricas e práticas em uma única circunstância, a qual só pode ser dada como tal e realmente experimentada por meio desse mesmo conceito” (KOSELLECK, 2006, p. 109). E no ensino de História, são imprescindíveis para a construção e desenvolvimento de um saber histórico pelo aluno. Entretanto, são necessários alguns cuidados como adaptar os conceitos à realidade dos alunos, situando-os em contextos históricos definidos e respeitando a construção de representação pelo aluno (SCHMIDT, 2004).

Por outro lado, o conhecimento histórico é partilhado, tanto na comunidade científica quanto na comunidade em geral, através da expressão linguística comum. Em termos de linguagem, a História talvez não disponha de signos ou vocábulos originais para expressar seu conhecimento. É preciso lidar com a língua comum e, ainda mais, com palavras que já possuem significados próprios, por vezes abstratos, no senso comum. Por isso, conceitos históricos são polissêmicos por excelência, sempre terão necessidade de novas definições e redefinições que dependerão do tempo, do espaço, e da posição teórica de cada historiador.

A partir do planejamento apresentado pela professora de História da escola e o decorrer das aulas do estágio, pude selecionar os conceitos que considere mais importantes para trabalhar dentro da temática das primeiras civilizações da Antiguidade (tema proposto pela professora da escola). Dois conceitos destacaram-se, o de civilização, e o de grupos sociais, imprescindíveis para compreender um pouco sobre as formações de sociedades mais complexas que seriam estudadas. A construção e utilização de conceitos históricos nas aulas devem ter seu espaço garantido sempre, pois, uma aula de História sem conceitos, torna-se apenas reconstrução e narrativa de fatos.

Mais do que a elaboração de uma definição fixa dos conceitos, a preocupação estava voltada para que os alunos identificassem os conceitos históricos propostos a partir das temáticas que estavam sendo trabalhadas. Por exemplo, entender porque consideramos os povos da Mesopotâmia na Antiguidade como uma civilização ou, porque chamamos de grupo social um conjunto de pessoas que ocupam uma mesma posição social e status dentro de uma sociedade. A partir dessa proposição, a metodologia de trabalho foi variada, desde leitura e discussão de textos, perguntas escritas, pesquisa na internet e livros ou trabalhos em grupo.

O meu papel, enquanto professora-estagiária, foi justamente o de reconhecer as noções prévias dos alunos – porque eles sempre o terão – e dar vazão a este conhecimento, expandindo-o, refinando-o, ajudando os alunos a se darem conta de que eles mesmos produzem conceitos, porém que estes não estão dados e precisam sempre de uma reflexão, a qual a professora uniu a sua. Por vezes é difícil lidar com esse conhecimento prévio do aluno, especialmente se nele estiver implícito noções preconceituosas (por exemplo, *civilização* em contraposição à *barbárie*) ou distorcidas. Neste caso, é necessário desconstruir e reconstruir os conceitos novamente, sob nova ótica.

A partir das aulas expositivas dialogadas (cuja principal estratégia voltou-se para o levantamento, junto aos alunos, das características de cada conceito, tentando identifica-los na realidade estudada) e das atividades realizadas (leitura e discussão de textos sobre o desenvolvimento das primeiras civilizações, trechos do Código de Hamurábi, trabalho em grupo com montagem de personagem representativo de grupo social em uma das civilizações estudadas) foi possível concluir que a construção dos conceitos foi realizada em alguma medida pelos alunos, no momento em que demonstraram, tanto ao longo das aulas quanto no trabalho final - através de suas falas e produções escritas - que conseguiam identificar as principais características desses e confrontá-los com as realidades históricas que estavam sendo estudadas, raciocinando, inclusive, de forma comparativa ao remeter a outros períodos históricos anteriormente trabalhados em sala de aula.

Referências bibliográficas

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC-Rio, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Construindo conceitos no ensino de História: “a captura lógica” da realidade social. **História & Ensino**. Londrina, v. 5, p. 147-163, out. 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora, CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.